

Kasie West

Namorado de
Aluguel

Tradução
Débora Isidoro

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2016



VERUS
EDITORA

Editora

Raissa Castro

Coordenadora editorial

Ana Paula Gomes

Copidesque

Lígia Alves

Revisão

Maria Lúcia A. Maier

Capa, projeto gráfico e diagramação

André S. Tavares da Silva

Foto da capa

Carlos Caetano/Shutterstock

Título original*The Fill-In Boyfriend*

ISBN: 978-85-7686-435-6

Copyright © Kasie West, 2015

Todos os direitos reservados.

Publicado originalmente por HarperTeen (Estados Unidos).

Edição publicada mediante acordo com Taryn Fagerness Agency
e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

Tradução © Verus Editora, 2016

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

W537n

West, Kasie

Namorado de aluguel / Kasie West ; tradução Débora Isidoro.

- 1. ed. - Campinas, SP : Verus, 2016.

23 cm

Tradução de: The Fill-In Boyfriend

ISBN 978-85-7686-435-6

1. Romance americano. I. Isidoro, Débora. II. Título.

15-28833

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3



Em alguma parte do meu cérebro, provavelmente a parte sensata que parecia ter desaparecido no momento, eu sabia que deveria desistir e ir embora, preservar um pouco da minha dignidade. Em vez disso, abracei a cintura dele com mais força e colei o rosto em seu peito. Definitivamente, não era a razão que estava no comando do meu cérebro. Era o desespero. E, mesmo sabendo que desespero não é atraente, eu não conseguia me controlar.

Ele suspirou e soltou um pouco de ar, o que me permitiu apertar ainda mais o abraço. *Não é assim que as jiboias matam suas presas?* Nem esse pensamento me fez soltá-lo.

— Gia, sinto muito.

— Então não faz isso. E, se tem que fazer, não pode esperar duas horas?

— O que você acabou de falar me faz ter certeza que não. Você só quer que as suas amigas me vejam.

— Não é verdade. — Tudo bem, meio que era. Mas só por causa da Jules. Ela havia se infiltrado no nosso grupo um ano atrás e, bem lentamente, tentava jogar minhas amigas contra mim. Sua última jogada era dizer que eu estava mentindo sobre namorar há dois meses. Então, sim, eu queria que minhas amigas vissem que eu não estava mentindo. Que era ela quem tentava dividir nosso grupo ao meio. Ela era a doença contagiosa. Não eu.

Mas não era só por isso que eu queria que Bradley ficasse comigo agora. Eu gostava dele de verdade antes de ele decidir terminar comigo no

estacionamento na noite do baile de formatura. Mas, agora que ele estava exibindo seu atestado de cretino, eu só queria que ele entrasse, provasse que existia, desse um soco no estômago da Jules por mim, talvez, e depois fosse embora. Era pedir demais? Além disso... Oi? Era minha formatura. Ele ia mesmo me fazer entrar sozinha no baile onde provavelmente eu seria coroada rainha?

— Não é só com isso que eu me importo... — Minha voz estremeceu, embora eu tentasse não demonstrar fraqueza. Bom, exceto pelo fato de estar grudada nele como se tivesse levado um choque de alta voltagem.

— É só com isso que você se importa. E confirmou minha impressão hoje, quando me viu e a primeira coisa que disse foi: “Minhas amigas vão morrer”. Sério, Gia? Você não me vê há duas semanas, e essa é a primeira coisa que fala?

Tentei lembrar. Foi isso mesmo que eu falei, ou ele estava inventando coisas para tentar se sentir melhor? Ele estava lindo mesmo. E, sim, eu queria que minhas amigas vissem como ele era lindo. Isso era errado?

— E no caminho para cá você passou o tempo todo planejando como nós íamos entrar. Disse exatamente como eu tinha que olhar para você.

— Sou meio controladora. Você sabe disso.

— Meio?

Um carro parou na vaga em frente ao lugar onde eu estava quase espremendo todo o ar para fora do corpo do meu namorado... ex-namorado. Um casal desceu do banco de trás. Não reconheci nenhum dos dois.

— Gia. — Bradley desgrudou minhas mãos e se afastou. — Eu preciso ir. A viagem de volta é longa.

Pelo menos ele parecia sinceramente triste.

Cruzei os braços, finalmente encontrando um pouco de dignidade. Tarde demais.

— Tudo bem. Vai.

— Você devia entrar. Está incrível.

— Você não pode simplesmente me xingar e ir embora, ou alguma coisa assim? Não preciso te achar fofo depois de tudo isso. — Ele *era* fofo, e pensar que meu desespero para segurá-lo ali não tinha a ver só

com as minhas amigas começava a dominar minhas emoções. Engoli o que sentia. Eu não queria que ele soubesse que estava me machucando de verdade.

Ele sorriu de um jeito brincalhão e então aumentou o tom de voz:

— Nunca mais quero falar com você. Superficial, esnobe, egocêntrica. Você merece entrar lá sozinha!

Por que souu tão convincente? Mantive o nosso teatrinho.

— Odeio você, babaca!

Ele jogou um beijo, e eu sorri. Fiquei olhando até ele entrar no carro e ir embora. Então o sorriso sumiu do meu rosto e meu estômago deu um nó. Acho que ele pressupôs que eu conseguiria carona para casa. Ainda bem que todos os meus amigos estavam lá dentro... esperando que eu aparecesse com o cara de quem falava havia dois meses. Rosnei, tentando transformar a dor em raiva, e me apoiei na traseira de uma caminhonete vermelha. Foi quando chamei a atenção de um cara sentado ao volante do carro à minha frente. Endireitei rapidamente as costas, porque nem um estranho podia me ver desabando, e ele baixou a cabeça.

O que aquele cara estava fazendo sentado no carro? Ele pegou um livro e começou a ler. Estava lendo? Sentado no estacionamento de um baile de formatura e lendo? Então lembrei: o casal que havia descido do banco de trás. Ele tinha ido levar alguém. A irmã ou o irmão mais novo, talvez.

Dei uma avaliada no cara enquanto ele lia. Não dava para ver muita coisa, mas ele não era feio. Cabelo castanho, pele morena. Podia até ser alto, porque a cabeça ultrapassava o apoio do encosto, mas era difícil ter certeza. Não fazia o meu tipo. Cabelo um pouco desgrenhado, meio magro, óculos... mas teria que ser esse. Eu me aproximei da janela do carro. Ele estava lendo um livro de geografia, ou alguma coisa sobre o mundo em oitenta dias. Bati na janela, e ele ergueu a cabeça lentamente. E demorou ainda mais para baixar o vidro.

— Oi — eu disse.

— Oi.

— Você estuda aqui? — Se sim, e eu nunca o tinha visto, não daria certo. Porque havia boas chances de as pessoas o conhecerem.

— Quê?

— Você estuda neste colégio?

— Não. A gente acabou de mudar para cá, mas estou terminando o ano na minha antiga escola.

Melhor ainda. Eles eram novos na área.

— Veio trazer seu irmão?

— Irmã.

— Perfeito.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Você vai ser o meu par.

— Ah... — Ele abriu a boca, mas isso foi tudo o que saiu.

— Você mora perto daqui? Porque não dá pra você entrar assim, de jeans e camiseta. Muito menos com essa estampa de cabine telefônica.

Ele olhou para a própria camiseta, depois para mim outra vez.

— Cabine telefônica? Sério?

— Você tem uma calça escura e uma camisa social, pelo menos? Talvez uma gravata? Uma gravata azul-petróleo seria incrível para combinar com a minha roupa, mas eu não esperaria tanto. — Inclinei a cabeça. Ele realmente não era o meu tipo. Minhas amigas iam perceber. — E por acaso você tem lentes de contato e algum produto para o cabelo?

— Vou fechar a janela.

— Não. Por favor. — Pus a mão em cima do vidro. Será que alguma vez eu já sentira tamanho desespero? — Meu namorado acabou de terminar comigo. Você deve ter visto. E eu não quero entrar no meu baile de formatura sozinha. Além disso, minhas amigas já não acreditam que ele existe. É uma longa história, mas eu preciso que você seja ele. Duas horas. É tudo o que eu peço. Além do mais, você está aí esperando a sua irmã. — Droga. A irmã. Ela ia gritar o nome dele e estragar tudo? Só teríamos que evitá-la. Ou contar o segredo para ela. Eu ainda não tinha decidido. — Vai ser muito mais divertido do que ficar sentado em um estacionamento.

Ele ainda me olhava como se eu fosse maluca. Eu me sentia maluca.

— Você quer que eu finja que sou o Capitão América? — E apontou para a rua.

Fiquei confusa a princípio, mas logo me dei conta de que ele estava se referindo a Bradley, cujo porte físico era meio impressionante.

— Elas não o conhecem, não sabem como ele é. Além do mais, você é... — Apontei para ele sem terminar a frase. Tentei pensar em um super-herói diferente para comparar, mas nenhum me veio à cabeça. Não era um assunto que eu dominava. Será que tinha algum mais magro? Homem-Aranha? Não ia parecer um elogio.

Ele ficou ali, imóvel, me encarando, me esperando terminar a frase.

— Eu pago.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Tenho certeza que existem serviços desse tipo. Quem sabe se você ligar para o disque-michê ou alguma coisa assim?

Revirei os olhos, mas não consegui evitar um sorriso.

— Você sabe o número de cor?

Ele soltou uma única risada.

— Tudo bem. Se você não gosta da ideia de aceitar dinheiro, fico te devendo essa.

— Devendo o quê?

— Não sei... Se um dia você precisar de um encontro de mentira, pode contar comigo.

— Não costumo precisar de encontros de mentira.

— Bom, tudo bem. Fico contente por saber que você consegue um encontro sempre que quer, mas comigo não é assim. Quer dizer, normalmente eu consigo, mas obviamente não aqui, no meio de um estacionamento vazio. — Eu teria que chorar lágrimas de mentira para conseguir um encontro de mentira?

— Tudo bem.

— Tudo bem? — Fiquei surpresa, embora tivesse esperança de que ele dissesse sim.

— Sim. Moro a seis quarteirões daqui. Vou trocar de roupa, vestir alguma coisa com mais cara de baile de formatura. — E subiu o vidro, resmungando algo sobre não acreditar que estava concordando com aquilo. Depois foi embora.

Fiquei ali por uns cinco minutos pensando se ele não havia só encontrado um jeito de escapar. Provavelmente mandaria uma mensagem para a irmã pedindo para ela ligar quando quisesse ir para casa. Aliás, se ele morava a apenas seis quarteirões dali, por que estava esperando no estacionamento? Não devia ter voltado para casa e esperado lá?

Peguei o celular e dei uma olhada no Instagram e no Twitter para me certificar de que o Bradley não havia postado nada sobre o nosso rompimento. Não havia nada. Aquilo não me surpreendeu; Bradley não era tão adepto de redes sociais. Mais uma razão para Jules pensar que eu havia inventado nosso relacionamento. Postei no Twitter que o baile seria um arraso, depois guardei o celular na bolsinha que combinava perfeitamente com meu vestido.

Mais dez minutos se passaram, e eu tinha certeza de que ele não ia voltar. Comecei a pensar em todas as desculpas que daria às minhas amigas quando entrasse. Ele estava doente. Tinha que estudar para as provas finais da faculdade na segunda-feira... porque ele está na faculdade.

Suspirei. Aquilo era patético. A verdade. Eu tinha que contar a verdade. Ele terminou comigo no estacionamento. Meus olhos arderam por causa das lágrimas quando pensei nisso. O Bradley tinha terminado comigo no estacionamento. Eu tinha estragado tudo e perdido o namorado, e agora podia perder mais do que ele. Essa seria a última evidência de que minhas amigas precisavam para acreditar nas coisas que a Jules falava? Eu sabia como ela me olharia quando eu contasse a verdade. Seria o olhar de "Ah, tá, ele não existe". Ela me olhava do mesmo jeito toda vez que eu mencionava meu namorado. Era o olhar que sempre me fazia contar mais histórias. Pena que eu tenha contado tantas que até minhas outras amigas começaram a questionar a existência de Bradley.

A gente se conheceu em um café na UCLA durante um festival de cinema do qual meu irmão mais velho estava participando. Bradley estava sozinho no café e pensou que eu estudasse lá. Não desmenti, porque seria aluna no ano seguinte. Eu havia recebido a carta de aprovação naquele mesmo fim de semana, e já me sentia universitária. Trocamos telefones e conversamos por mensagem durante um tempo. E o que começou

como uma simples atração virou algo maior. Ele contava piadas idiotas e conhecia muitos lugares por causa das suas viagens. Era interessante. Duas semanas mais tarde, contei a verdade sobre a minha idade. Àque-la altura, já gostávamos um do outro. O problema era que eu morava a três horas da UCLA. Então ele só foi me ver duas vezes durante os dois meses de namoro, e não chegou a conhecer as minhas amigas. E agora estava acabado.

Endireitei os ombros e encarei a porta do ginásio. Eu não precisava de um namorado, real ou de mentira. Minhas amigas gostavam de mim, independentemente de eu estar com alguém ou não. Pensei nisso e desejei que fosse verdade. Eu não podia perder o namorado e as amigas em uma noite só. Precisava delas na minha vida. Quando comecei a andar, faróis projetaram minha sombra no asfalto à frente. Eu me virei quando o motorista desligou o motor e apagou as luzes.

O cara saiu do carro.

— Ia entrar sem mim depois de todo aquele drama?



Eu sorri. Não deu para evitar. Ele estava vestindo um terno preto com gravata cinza. Os óculos haviam desaparecido e ele era alto.

Era exatamente disso que eu precisava. Seríamos vistos. Ele poderia terminar comigo no fim da noite. Sem olhares complacentes de Jules, sem suspiros de pena de Laney e sem nenhum movimento de cabeça de “tá bom, agora conte a verdade” de Claire. E seria próximo da verdade. Meu namorado postigo só estava reorganizando um pouco a ordem dos eventos da noite para mim. Não havia mal nenhum nisso. Especialmente se mantivesse longe de mim a doença contagiosa chamada Jules.

— Oi — falei, me aproximando do carro, onde ele continuava parado mantendo a porta aberta, como se ainda não estivesse inteiramente comprometido com a ideia. — Você está ótimo. — Olhei para o cabelo dele, que dava para ver melhor agora de perto. Uma bagunça. Uma bagunça que aparentemente ele havia tentado ajeitar. — Senta um pouco. — Apontei para o banco do carro. Ele ergueu uma sobrancelha, mas fez o que eu pedi. Peguei uma escovinha da bolsa e a usei para ajeitar seu cabelo. Quando o afastei da testa e penteei de um jeito legal, assenti, satisfeita. — Ficou muito bom.

Ele balançou a cabeça com um suspiro.

— Vamos logo com isso.

Depois ficou de pé e me ofereceu o braço dobrado. Segurei a mão dele, em vez de aceitar o cotovelo, e o puxei para o ginásio.

— Ei, espera aí — ele falou, e meu corpo levou um tranco com a parada brusca, o que não foi nada engraçado em cima daqueles saltos. —

Preciso de um pouco de informação. Você quer convencer as suas amigas de que a gente se conhece, certo?

— Ah, é. Bom, vamos ver...

— O nome já é um bom começo.

Eu ri. Não tinha nem falado meu nome.

— Gia Montgomery. Dezesete anos. Formanda aqui no adorável Fremont High. Faço parte do conselho estudantil e normalmente não preciso implorar por companhia. Tipo, hoje foi a primeira vez.

— Registrado.

— E nas próximas duas horas você será Bradley Harris. Penúltimo ano na UCLA, motivo pelo qual meus pais não aprovam o namoro, aliás. Eles acham que você é velho demais para mim.

— Eu sou.

Eu não sabia ao certo se ele estava falando de Bradley ou de si mesmo. Pensei tê-lo ouvido dizer que estava terminando o colégio.

— Quantos anos você tem?

— Se estou no penúltimo ano, devo ter pelo menos uns... sei lá. Vinte e um?

Ele estava falando do Bradley. Revirei os olhos.

— Sim. Mas são só quatro anos mais que eu.

— O que não seria o fim do mundo se você não estivesse no colégio. Menor de idade.

— Só tenho mais cinco semanas de colégio, e você agora está falando como os meus pais.

Ele deu de ombros.

— Eles parecem ser bons pais.

— Bom, agora não tem mais importância. No fim da noite você vai ter que terminar comigo. De preferência na frente das minhas amigas. Tente não exagerar no espetáculo. Seja rápido e discreto. Depois, como o verdadeiro Bradley, você pode ir embora para sempre, e a história acaba aí. — Um nó se formou na minha garganta quando eu disse isso, quando pensei em Bradley indo embora como se fosse a coisa mais fácil do mundo. Apaguei a imagem da mente e sorri para ele.

— Eu consigo fazer isso.

— Que bom. E a sua irmã? Ela vai dificultar as coisas lá dentro? Vai correr pelo ginásio gritando o seu nome?

— Não. Minha irmã nem imagina que eu vou estar lá dentro vestido dessa maneira. Ela está mais interessada no garoto. Mas, se eu perceber que ela está se aproximando, dou um jeito de tirá-la de perto e conto tudo. Ela é legal, vai colaborar.

— Você não acha melhor mandar uma mensagem para ela? Só por precaução.

— Eu faria isso, mas, na pressa, esqueci o telefone. — Ele apalpou os bolsos para provar que estava falando sério.

— Ela vai ficar de boa?

— Ela vai ficar de boa.

— Tudo bem, acho que acertamos tudo, então.

Ele riu para mim, como se eu tivesse esquecido alguma coisa óbvia.

— Que foi?

— Nada. Vamos nessa. — Seus passos a caminho do ginásio eram lentos e confiantes. Ele nem parecia se incomodar por estar segurando minha mão.

Assim que passamos pela porta, entreguei à professora atrás da mesa os ingressos que comprei para mim e para o Bradley, e seguimos em frente para a área principal. A música era alta, uma banda tocava ao vivo e não mandava muito bem. Era a banda vencedora das audições que realizamos para o evento, então era a melhor entre as piores. No ano passado contratamos uma banda popular da cidade, mas, com ingressos “mais acessíveis”, o sr. Lund disse que não teríamos orçamento para isso este ano.

Avistei minhas amigas e seus acompanhantes do outro lado do salão, em pé em volta de uma mesa. Fechei os olhos por um momento e canalizei toda a minha capacidade de atuação, que não era muita, mas teria que ser suficiente. Ao meu lado, o namorado substituto não parecia estar nervoso. Claro que não. Ele não tinha nada a perder.

— Minha irmã está dançando, então acho que por enquanto estamos bem — ele disse.

Segui seu olhar e vi uma menina de azul, a saia do vestido cheia de babados em camadas. Ela era fofa, tinha os cabelos castanhos compridos e um rosto simpático. Nunca a tinha visto em toda minha vida, o que significava que devia ser mais nova que eu. Mas ele disse que tinham se mudado havia pouco tempo; talvez fosse bem pouco mesmo. Também não reconheci o garoto que a acompanhava, então voltei à teoria da idade. Ela devia ser mais nova.

— Tudo bem. Você pode tentar me olhar como se estivesse loucamente apaixonado?

— Você e o Capitão América estavam loucamente apaixonados?

Abri a boca para dizer “é claro”, meu primeiro impulso, mas me detive, porque não seria verdade. Bradley e eu éramos... bom, éramos felizes. Ou eu achei que fôssemos, até a noite de hoje. Forcei meu melhor sorriso provocante, feliz pelo fato de os meus sentimentos, que tinham tentado assumir o comando no estacionamento, estarem novamente sob controle.

— Você não tem uma referência para esse sentimento?

Ele se concentrou por um instante, depois me lançou um olhar fulminante. Uau. Ele era bom.

— Talvez você esteja exagerando um pouco.

Ele suavizou a intensidade do olhar, e pela primeira vez notei seus olhos azuis. Ah, não. O Bradley tinha olhos castanhos.

— Muito ruim?

— Não. Seu olhar é ótimo. — O que significava que ele sabia como era estar apaixonado. Era eu quem não tinha uma referência. — A cor dos seus olhos é que é frustrante.

— Nunca me disseram isso antes. Obrigado.

— Desculpa. Tenho certeza que as meninas dizem que são incríveis, ou alguma coisa assim. — E eram. — Mas é que...

— O Bradley tem olhos esmeralda? Não... Castanho-escuros, feito chocolate derretido?

Eu ri, porque ele botou as mãos no peito e falou de um jeito dramático.

— Sim. Bem derretido.

Ele olhou nos meus olhos.

— Como os seus.

— Os dele são mais para chocolate; os meus, mais para sêpia, mas...

— Balancei a cabeça, tentando voltar ao assunto. — Tente não fazer contato visual com ninguém, só isso.

— Porque isso não vai ser nada assustador. Você acha que as suas amigas lembram a cor dos olhos de um cara que nunca viram? Você falava tanto assim dos olhos dele, sério?

— Não. Quer dizer... Bom, elas viram algumas fotos.

— Viram fotos? — Ele arregalou os olhos. — E você acha que vamos enganar alguém? Como?

— Bom, eram fotos de longe. E uma era da metade do rosto. — Eu ficava bem frustrada, porque ele não gostava de ser fotografado. — E faz tempo que elas viram as fotos. Acho que você é parecido o bastante para dar certo. Mas vai dar certo com a versão não assustadora da falta de contato visual.

Ele segurou minha mão, a beijou, me olhou daquele jeito quente e disse:

— Bom, eu só tenho olhos para você, mesmo.

Ele era *muito* bom. Eu ri.

— Estou vendo minhas amigas. Vamos lá.

— Por que as suas amigas duvidaram da minha existência se já viram fotos? — ele perguntou enquanto atravessávamos a pista de dança lotada.

— Porque você estuda na UCLA, e era eu quem normalmente ia para lá. Quando você vinha para cá, queria passar o tempo todo só comigo, não com as minhas amigas.

— Ah, eu sou antipático. Entendi.

— Eu não disse isso.

— Quando você ia me visitar, nós saíamos com os meus amigos?

— Não. A gente se via raramente. Não queríamos outras pessoas por perto quando estávamos juntos.

— Entendi. Você era o meu segredo.

— Não, eu também queria que fosse assim. Além do mais, você acabou de dirigir por três horas para vir ao meu baile de formatura, então é evidente que planejava conhecer todas as minhas amigas. — Era estranho estarmos ali falando como se ele realmente fosse o Bradley. Balancei a cabeça. — *Ele* planejava conhecer as minhas amigas.

— Mas *ele* terminou com você no estacionamento antes disso.

Mordi a boca por dentro. Mais dez passos e chegaríamos ao grupo. Não havia tempo para explicar que eu não tratei o Bradley muito bem, que a primeira coisa que eu tinha dito depois de duas semanas sem vê-lo foi que as minhas amigas iam morrer. Porque ele estava incrível. Mas era isso que eu devia ter dito, que ele estava incrível. Não devia ter me preocupado com o que as minhas amigas iam pensar. Só que era difícil, depois de dois meses respondendo a perguntas sobre sua existência, dois meses contando tudo sobre ele. Tudo por causa da Jules. Eu não devia ter deixado isso me incomodar tanto.

Claire foi a primeira a me ver, e seus olhos pareceram se acender de alívio quando ela avistou meu acompanhante. Éramos as mais próximas, e era sempre ela que me defendia.

— Gia! — Todas se viraram quando ela gritou.

A cara da Jules foi impagável. Um sorriso arrogante seguido do queixo caído. E, pela primeira vez, a Laney não fez cara de pena. Eu abri um largo sorriso.

— Pessoal, este é o Bradley.

Ele ergueu a mão para um rápido aceno, e eu não sabia se a intenção era ser engraçado ou se foi sem querer, mas, quando ele disse “É um prazer conhecer vocês”, sua voz soou baixa e rouca.

Claire arregalou os olhos como se quisesse me elogiar.

Jules rapidamente recuperou o ar antipático e o mediu de cima a baixo. Prendi a respiração, esperando que ela dissesse alguma coisa sobre o Bradley não ser parecido com as fotos, ou não ter nada a ver com os garotos com quem eu costumava sair. Em vez disso, ela soltou:

— Estou surpresa por você ter vindo a um baile de formatura do ensino médio.

Ele olhou nos meus olhos e passou um braço ao redor da minha cintura.

— Era importante para a Gia. — E me puxou mais para perto. O contato físico fez minhas costas formigarem. Meu primeiro impulso foi me afastar, mas essa não teria sido minha reação com o Bradley. Eu teria me inclinado para ele. Teria suspirado feliz. Então me obriguei a fazer as duas coisas.

Jules fez uma careta debochada.

— É esse o tema do relacionamento de vocês? “A importância da Gia?”
— Ela chegou a desenhar aspas no ar.

Garrett, que havia ido com Jules, riu, mas ficou quieto quando um dos garotos bateu em suas costas.

— Não — meu namorado respondeu antes que eu tivesse chance. — Mas talvez devesse ser.

Todos riram. Eu estava ocupada demais olhando feio para Jules e não ri.

— Vamos dançar — meu namorado falou. E, enquanto ele me levava para a pista, percebi que não sabia seu nome verdadeiro. Era esse o motivo das risadinhas enquanto conversávamos a caminho do ginásio? Então, quando o cara cujo nome eu não sabia me abraçou, apoiei a testa em seu peito e sussurrei:

— Desculpa.